



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

Mapeando a Educação Ambiental com Perspectiva teórica decolonial a partir de dissertações e teses na área de Educação(2018-2023)

Anna Clara Silva Souza¹; Marco Antonio Leandro Barzano²

1. Anna Clara Silva Souza, PROBIC/UEFS, CIENCIAS BIOLÓGICAS, e-mail: annassouza555@gmail.com

2. Marco Antonio Leandro Barzano, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: malbarzano@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Decolonial; Decolonialidade

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental tem passado por importantes ressignificações ao longo das últimas décadas, especialmente diante das críticas às abordagens tecnicistas e conservacionistas sustentadas por paradigmas eurocêntricos. Segundo Loureiro (2003) a EA é definida como uma práxis educativa que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes capazes de possibilitar o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente, além de contribuir à implementação de um padrão civilizacional distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza. Nesse contexto, emergem propostas que buscam articular a educação com os saberes de comunidades tradicionais, territórios historicamente marginalizados e perspectivas decoloniais.

Essas abordagens propõem um deslocamento epistemológico que questiona a supremacia dos conhecimentos científicos ocidentais e valoriza a pluralidade de modos de vida e de relação com a natureza. Dentre as contribuições mais recentes, destacam-se trabalhos que associam a Educação Ambiental à interculturalidade, às memórias bioculturais e às práticas sustentáveis construídas por povos indígenas, quilombolas, extrativistas e camponeses. Tais produções revelam a importância do território, da ancestralidade e da resistência sociocultural como elementos formativos.

Diante disso, torna-se pertinente identificar, reunir e sistematizar essas contribuições para compreender como se configuram as tendências atuais da Educação Ambiental com foco decolonial. Este trabalho, portanto, tem como objetivo realizar um **Estado da Arte** sobre dissertações e teses que tratam da Educação Ambiental a partir de perspectivas decoloniais na área da Educação e, principalmente, descobrir e entender quais são as lacunas e as dificuldades enfrentadas para que os trabalhos futuros sejam mais assertivos e dialógicos com a comunidade.

Este trabalho, no formato de Estado da Arte, tem como objetivo mapear e analisar produções acadêmicas que abordam a Educação Ambiental sob uma perspectiva decolonial, com ênfase em experiências envolvendo comunidades tradicionais e práticas interculturais. Foram selecionadas e examinadas dissertações e teses que discutem criticamente os limites dos paradigmas hegemônicos de sustentabilidade e educação, propondo alternativas baseadas em saberes locais, memórias bioculturais e territorialidades.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um Estado da Arte, conforme definido por Ferreira (2002) e Romanowski e Ens (2006), cujo propósito é mapear e analisar criticamente a produção acadêmica sobre determinado tema, identificando recorrências, lacunas e tendências. Para a seleção do corpus, foram considerados trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) disponíveis em repositórios digitais de universidades públicas brasileiras, com destaque para instituições federais e estaduais, especificamente, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os critérios de busca incluíram os seguintes descritores: “Educação Ambiental”, “Decolonial”, “Decolonialidade”. O recorte temporal abrange a produção entre 2018 e 2023, período no qual se observa uma intensificação do debate decolonial no campo educacional.

Os trabalhos selecionados foram organizados em uma matriz de análise que considerou: o enfoque teórico-metodológico, o perfil das comunidades envolvidas, os principais conceitos mobilizados, as práticas pedagógicas descritas e as contribuições para o campo da Educação Ambiental. A análise dos textos foi de natureza qualitativa e interpretativa, buscando identificar convergências, inovações e desafios comuns entre as pesquisas. A pesquisa foi voltada apenas para teses e dissertações como o próprio nome do trabalho sugere, após essa definição, houve uma pesquisa detalhada com critério de busca com palavras-chave, para um afinamento de dados.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Os estudos analisados evidenciam o potencial da Educação Ambiental para fortalecer identidades coletivas, modos de vida sustentáveis e resistências socioculturais, por meio de práticas educativas que rompam com a lógica eurocêntrica.

A pesquisa revela a emergência de uma abordagem pedagógica crítica, dialógica e situada, que valoriza a diversidade epistêmica como caminho para a construção de outras formas de relação entre seres humanos e natureza. Nas pesquisas, obteve-se como resultado de busca, apenas sete produções, dentre elas, quatro teses e três dissertações. Os estados que estiveram presentes nos trabalhos analisados foram São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Tocantins e Bahia, as universidades, respectivamente foram, UNESP, UFES, UFTM, UFT e UFBA.

A Bahia e a Universidade do Federal da Bahia (UFBA) lidera nas pesquisas acerca do tema, tendo três trabalhos dos sete encontrados, sendo duas dissertações e uma tese,

todas as três foram de autores do sexo masculino, além dos anos de 2021 e 2022 terem sido os anos com maior quantidade de produção acerca do tema abordado, uma tese e uma dissertação em cada ano mencionado.

A análise dos trabalhos selecionados revelou uma diversidade de experiências e enfoques teóricos que convergem na crítica ao modelo hegemônico de Educação Ambiental, ainda fortemente ancorado em perspectivas eurocêntricas, conservacionistas e descontextualizadas. Os estudos analisados apontam para a construção de uma Educação Ambiental crítica, situada e decolonial, comprometida com a valorização dos saberes ancestrais e com o fortalecimento das identidades culturais de povos e comunidades tradicionais.

Um dos principais resultados observados foi a presença constante do território como elemento estruturante das práticas educativas. Em diferentes contextos – como os das mulheres Kalunga, das quebradeiras de coco babaçu e da etnia Fula em Guiné-Bissau – o território não é apenas um espaço físico, mas um lugar de memória, identidade e resistência. A Educação Ambiental, nesses casos, surge como uma prática que se constrói em diálogo com o cotidiano das comunidades, respeitando seus modos de vida, suas cosmovisões e suas formas próprias de relação com a natureza.

Outro ponto em destaque foi a centralidade das narrativas e das experiências vividas como estratégias pedagógicas. Os trabalhos demonstram que o uso de histórias de vida, memórias bioculturais e práticas tradicionais permite reconstruir o processo educativo a partir da escuta e do reconhecimento das subjetividades. Essa abordagem contrasta com modelos transmissivos e universalizantes, e abre espaço para uma pedagogia do pertencimento, onde o conhecimento é construído coletivamente e em relação com o ambiente.

A análise também evidenciou o papel da interculturalidade na formação de sujeitos críticos e conscientes de seus contextos históricos e ecológicos. Em especial, a sequência didática desenvolvida em Alagoa Nova (PB), que aborda a história da cana-de-açúcar e da cachaça artesanal, mostrou como é possível articular conteúdos escolares com a realidade local, promovendo a reflexão sobre desigualdades socioambientais e processos de colonização. Tais propostas reforçam o potencial da Educação Ambiental para promover a justiça social e ecológica por meio do diálogo entre saberes.

Além disso, observou-se que muitas dessas pesquisas têm um caráter participativo e colaborativo, com forte envolvimento das comunidades no processo de produção do conhecimento. Isso se expressa tanto na construção coletiva dos projetos quanto na valorização de práticas sustentáveis já existentes, como o uso tradicional do baobá (cabaceira) entre os Fula, e o extrativismo do babaçu no Tocantins. Essas ações desafiam a lógica da intervenção externa e reforçam a importância de reconhecer os sujeitos locais como protagonistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que as produções analisadas ainda enfrentam desafios, como a fragilidade institucional no reconhecimento de saberes tradicionais como conhecimentos válidos e a dificuldade de inserção das abordagens decoloniais nos currículos escolares formais. No entanto, os trabalhos apontam caminhos potentes para transformar a Educação Ambiental em uma prática emancipatória, plural e comprometida com os direitos da sociedade, principalmente, das comunidades tradicionais, com a preservação da vida em suas múltiplas dimensões. Diante disso, as pesquisas precisam continuar sendo produzidas a fim de popularizar o tema na escolas, universidades e também na sociedade

REFERÊNCIAS

DAVI, M.; ROCHA. **Educação ambiental decolonial**: perspectiva para construção decolonial em território paradigmático de hegemonia colonial. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36666/9/Disserta%
c3%a7%c3%a3o%20completa.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36666/9/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20completa.pdf)>. Acesso em: 8 set. 2025.

CANDIDO, Rejane Leal. **Os discursos sobre a sustentabilidade e as comunidades tradicionais em teses e dissertações em Educação Ambiental**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 8 jun. 2021.

CANDÉ, Antonio Alfa. **Educação científica, educação ambiental e comunidades tradicionais: um estudo de práticas sustentáveis no uso de plantas cabaceiras (baobás) pela etnia Fula em Guiné-Bissau**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia; em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2023.

SANTOS, Carlos Antonio Camilo dos. **Educação ambiental crítica e diálogo intercultural: uma sequência didática sobre as origens históricas e o contexto local (Alagoa Nova-PB) da cana-de-açúcar e da cachaça de alambique**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 19 dez. 2024.

LOUREIRO, Carlos F. *Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.